

O retábulo no mundo português: tipologias e modelos compositivos

Francisco Lameira
FCHS, Universidade do Algarve, CHAIA, Universidade de Évora

Neste breve ensaio debruçamo-nos sobre dois aspectos pouco analisados no estudo do património retabular no mundo português. É possível abordar esse espólio, outrora de grande relevância religiosa e artística, tendo em conta dois conceitos operativos: as tipologias e os modelos compositivos.

Por tipologias entendemos o agrupamento de retábulos de acordo com algumas características morfológicas, a seguir referenciadas: a sua estruturação ou composição arquitetónica, nomeadamente através da relação corpo(s)/tramo(s), apresentando o conjunto destas conjugações nove tipologias possíveis (um corpo – um tramo, um corpo – três tramos, um corpo – cinco tramos, dois corpos – um tramo, dois corpos – três tramos, dois corpos – cinco tramos, três corpos – um tramo, três corpos – três tramos e três corpos – cinco tramos); o seu prolongamento por áreas afins, em três tipologias diferentes: no primeiro caso a parede testeira da capela-mor é preenchida por três retábulos, apresentando o principal estreitas relações com os dois retábulos colaterais; na segunda situação os dois retábulos fronteiros ao arco triunfal estão unidos entre si através do revestimento parcial do frontispício e na terceira situação, através da criação de um contorno exterior que preenche estruturas próximas, a maior parte das vezes o intradorso e parte do frontispício de capelas pouco profundas e finalmente a sua restrição a determinados elementos compositivos, a saber, os baldaquinos e os tronos piramidais. Nestas duas tipologias os elementos utilizados adquirem um carácter monumental.

Por outro lado, os modelos compositivos correspondem à estruturação dos intercolúnios, isto é, à identificação do número de elementos arquitetónicos que delimitam cada tramo e à forma como se interligam.

Em relação às catorze tipologias e aos dez modelos compositivos detetados, devemos ter em conta que em muitos exemplares existem especificidades, que devem ser entendidas como sinal da criatividade dos diversos artistas intervenientes, nomeadamente os responsáveis pela conceção dos projetos ou *riscos*. Analisamos por fim, de entre alguns exemplares subsistentes, três que utilizam elementos ímpares, denotando igualmente uma grande mestria dos vários agentes envolvidos na sua criação.

Tipologias

Começamos pelas catorze tipologias identificadas, umas com enorme aceitação, outras de menor preferência da clientela. Lembramos que em termos estruturais os retábulos são compostos horizontalmente pelo embasamento com um

ou dois registos, pelo(s) corpo(s) e pelo ático. A existência de dois ou três corpos deve-se ao número de faixas horizontais sobrepostas, de idênticas dimensões, cada uma delas definida por elementos arquitetónicos comuns. Já a estruturação vertical é marcada pelos intercolúnios, com um, três ou cinco tramos, valorizando-se o central, destinado ao orago do retábulo. Por sua vez os tramos laterais são marcados maioritariamente pela existência, quer de nichos, quer de mísulas, onde surgem representações figurativas; quer ainda de lóculos com relicários, etc.

Corpo único e um só tramo

A partir dos princípios do século XVII passou a ser a tipologia de maior sucesso. De entre os inúmeros exemplos referimos o retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Nazaré em Luanda (fig. 01).

Corpo único e três tramos

Tal como a tipologia anterior, generalizou-se a sua utilização a partir dos princípios de seiscentos. Como exemplo referimos o retábulo da capela-mor da igreja do antigo Convento de São Francisco em Velha Goa (fig. 02).

Corpo único e cinco tramos

Teve muita pouca aceitação, sendo empregue sobretudo nos finais do século XVII e na primeira metade do XVIII, quando se pretendia ocupar a totalidade do vão da capela onde se colocava o retábulo. O espaço disponível, normalmente preexistente, era nestes casos bastante desproporcionado, sendo mais largo do que alto. Como exemplo referimos o retábulo da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia do Fundão.

Dois corpos e um só tramo

À semelhança da situação anterior, teve também pouca aceitação, resultando da necessidade de ocupar espaços mais altos do que largos. Foi usada com mais frequência no século XVII, referindo-se como exemplo o retábulo de Nossa Senhora dos Prazeres na igreja do antigo Colégio das Onze mil Virgens, atual Sé Nova de Coimbra.

Dois corpos e três tramos

Foi usada com muita frequência no século XVI, deixando de estar em moda a partir dos meados de seiscentos. É contudo possível encontrar exemplares do século XVIII, como ocorre por exemplo no retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus na ilha de Moçambique (fig. 03).

Dois corpos e cinco tramos

Tipologia com muito pouca aceitação, utilizada sobretudo nos finais do século XVI e nos princípios do século XVII. Como exemplo indica-se o retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Proença-a-Velha.

Três corpos e um só tramo

Teve também muito pouca aceitação, resultando igualmente da necessidade de preencher espaços desproporcionados, de excessiva altura. Como exemplo referimos os retábulos colaterais da igreja matriz de Santa Maria de Estremoz.

Três corpos e três tramos

Teve algum impacto no século XVI, referindo-se como exemplo o retábulo colateral da invocação de Nossa Senhora da Conceição na igreja matriz de Loures.

Três corpos e cinco tramos

Tipologia com muito pouca aceitação, tendo sido utilizada sobretudo no século XVI. Como exemplo indica-se o retábulo principal da igreja da Sé do Funchal.

Retábulos triplos

Esta tipologia parece ser exclusivamente portuguesa e restrita às Misericórdias, ainda que seja pouco usual. Caracteriza-se pelo preenchimento da totalidade da parede testeira da capela-mor, sendo aí aplicados três retábulos anexos uns aos outros, cada um deles com a sua mesa de altar: *de modo que, em tudo quanto for possível, concordem os dois retábulos (colaterais) na perfeição e feitio com o retábulo do altar-maior*. Se excecionarmos as três mesas de altar, parece tratar-se de um único exemplar. Como exemplo apontamos os retábulos da frontaria da antiga igreja da Misericórdia do Funchal (fig.4). Maioritariamente são usados em templos de nave única e sem cabeceira e em casos excepcionais em igrejas de nave única e capela-mor anexa. Os exemplares mais remotos são dos finais do século XVI, mantendo-se até ao século XIX.

Não deve confundir-se esta tipologia com a existência de três retábulos diferenciados empregues na parede testeira de capelas-mores, quer em igrejas de Misericórdias, por exemplo na de Alcácer do Sal; quer em igrejas paroquiais, por exemplo na de Santa Justa, no Amieiro, concelho de Arraiolos.

Arcos triunfais retabulares

A designação deve-se a José Meco¹. Esta tipologia teve pouca aceitação, sendo composta por dois retábulos colaterais ao arco triunfal que se interligam entre si pelo revestimento ornamental de parte do frontispício do corpo da igreja. Como exemplo referimos o da igreja de Santa Maria de Cárquere.

Retábulos com arco

Esta designação era frequente no século XVIII, ocasião em que teve algum sucesso. Apresenta como característica principal o facto de o retábulo propriamente dito ser complementado por uma estrutura que se prolonga pelo intradorso e por parte do frontispício da capela onde está inserido. Como exemplo aponta-se o retábulo lateral da igreja da Misericórdia de Valadares, no concelho de Monção. Podia também enquadrar o próprio retábulo usando uma estrutura arquitetónica independente, como ocorre por exemplo no retábulo da capela do Santo Lenho na igreja da Sé de Faro.

Retábulos-baldaquinos

Tipologia pouco frequente, apesar de erudita. Os retábulos assumem a forma de um tabernáculo, sustentado por colunas ou pilares, apresentando diferentes tipos de cobertura: um domo, volutas, frontões, etc. No seu interior surge um trono piramidal em degraus, maioritariamente destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, podendo também albergar a imagem de vulto perfeito do orago, etc.

Um subgrupo, mais próximo do baldaquino da basílica de São Pedro em Roma, é composto por exemplares com quatro faces, localizados no centro do cruzeiro, à entrada da capela-mor ou ainda no centro de uma capela lateral, apontando-se como exemplos o da capela de Nossa Senhora dos Prazeres na Sé de Faro (fig. 5), e o retábulo-catafalco construído na Sé de Luanda em 1751, este último com dois altares, um no frontispício e outro numa das ilhargas.

Um segundo subgrupo, influenciado pela arquitetura efémera dos mausoléus, é composto por exemplares com três faces ou mesmo só com uma, apresentando cobertura individualizada em forma de domo. Como exemplo aponta-se o retábulo principal da igreja da Misericórdia de Vila Flor.

Retábulos-tronos

Estes equipamentos restringem-se a um trono piramidal em degraus de grandes dimensões maioritariamente destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Tiveram pouca aceitação, começando a ser usados nos meados do

¹ José Meco, "Contaminações dos materiais e das formas. Arcos triunfais retabulares", V *Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, 2001, p. 311.

século XVII. Como exemplo aponta-se o da capela-mor da igreja do antigo Convento de São Caetano, em Goa.

Modelos compositivos

Os modelos compositivos são definidos independentemente do tipo de elementos arquitetónicos empregues (colunas, pilastras, estípites, etc.) e da existência ou não de elementos relevantes na estruturação retabular, a saber, os camarins ou tribunas, determinados elementos arquitetónicos a delimitar a boca do camarim ou de nichos centrais, o uso da perspetiva côncava, convexa ou mista no posicionamento dos elementos arquitetónicos, etc.

Começamos pelos cinco modelos mais frequentes, em que são usados o mesmo número de elementos arquitetónicos em todos os tramos.

Um par de elementos

Trata-se da solução de maior aceitação ao longo dos séculos, inscrevendo-se o(s) intercolúnio(s) entre dois elementos arquitetónicos. Como exemplo aponta-se um retábulo já referido, o da capela-mor da igreja do antigo Convento de São Francisco em Velha Goa (fig. 2).

Dois pares de elementos

Neste caso o(s) intercolúnio(s) inscrevem-se entre colunas ou pilastras duplas. Teve maior sucesso a partir dos princípios do século XVII particularmente em exemplares de planta plana. Já a partir do último quartel de seiscentos está mais associado à planta em perspetiva côncava. Mais raro foi o recurso à perspetiva convexa.

Como exemplo relevante referimos o retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus na ilha de Moçambique (fig. 3).

Três pares de elementos

Neste modelo o(s) intercolúnio(s) inscrevem-se entre colunas ou pilastras triplas. Trata-se de uma das grandes inovações do Barroco, provavelmente associado à obra de Guarino Guarini. Foi o modelo erudito mais aceite, predominando a preferência pela planta em perspetiva côncava, como acontece no retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Nazaré em Luanda (fig. 1). Já no espaço do Índico predomina a planta mista em que a coluna do meio surge avançada em relação às duas colaterais. Como exemplo aponta-se o retábulo principal da igreja do Seminário de Rachol, na região de Goa.

Quatro ou mais pares de elementos

Assistimos agora ao(s) intercolúnio(s) inseridos entre quatro ou mais pares de colunas ou pilastras. Este modelo restringiu-se apenas a exemplares de um só tramo, sendo frequente nalguns casos a alternância de diferentes elementos arquitetónicos. Maioritariamente recorria-se à planta em perspectiva côncava, sendo possível usar-se a planta plana. Como exemplos referimos dois retábulos: o da capela-mor da igreja do Bom Jesus em Velha Goa e o da capela-mor da igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará.

Ausência de elementos arquitetónicos

Teve pouca aceitação, tornando-se mais frequente a partir dos meados do século XVIII. Até então era usada em casos em que um grande painel com a representação do orago, delimitado somente por uma moldura de madeira, preenchia a totalidade do espaço disponível. Como exemplo aponta-se o retábulo de Nossa Senhora do Rosário na igreja do antigo Convento de São Francisco em Estremoz. Com o Rococó, alguns exemplares assumem propositadamente uma ruptura com os modelos até então vigentes, com ocorre por exemplo nos retábulos colaterais da igreja a Misericórdia de Caminha.

Menos usuais, mas com bastante interesse, são os modelos em que se aplica desigual número de elementos arquitetónicos nos vários tramos. Constituem igualmente outra inovação barroca, sendo possível detetar cinco soluções diferentes:

Restrição de elementos às ilhargas

Teve pouca aceitação, utilizando-se os elementos arquitetónicos definidores da composição retabular somente nas ilhargas dos tramos laterais. A ladear um pequeno nicho existente no tramo central surgem elementos arquitetónicos de secção mais reduzida, às vezes com dois corpos sobrepostos. Como exemplo apontam-se os retábulos colaterais da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus em Portimão.

Ausência de elementos nas ilhargas

Foi empregue com alguma regularidade, quer em exemplares com um só par de elementos arquitetónicos a delimitar o tramo central, como ocorre no retábulo da capela-mor da igreja matriz de Aljustrel, quer em retábulos com dois pares de elementos no tramo central, referindo-se como exemplo desta última situação o retábulo da capela do Noviciado na igreja do Carmo no Rio de Janeiro (fig. 6)

Dois pares de elementos no tramo central e só um nas ilhargas

Teve também alguma aceitação. Aponta-se como exemplo o retábulo da capela do Santo Lenho na igreja da Sé de Faro.

Três pares de elementos no tramo central e um nas ilhargas

Solução pouco frequente ainda que erudita. Como exemplo aponta-se o retábulo da capela de Nossa Senhora da Piedade na Sé de Braga.

Um só par de elementos no tramo central e dois pares nas ilhargas

De muito pouca aceitação, referindo-se como exemplo o retábulo da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Bragança.

Elementos ímpares

Em relação aos retábulos que utilizam elementos ímpares, selecionámos três exemplos, escolhidos aleatoriamente, como já referimos antes.

Retábulo principal da igreja do Convento de São Domingos em Lisboa

Exemplar com dupla face, localizado à entrada da capela-mor. Ao centro sobressai um sacrário monumental de planta octogonal. O alçado principal está voltado para o corpo da igreja, apresentando dois corpos e três tramos. A outra face, orientada para o repto-coro, tem somente corpo único e três tramos, resultando do desnível existente entre a capela-mor e o corpo do templo.

Retábulo da capela-mor do Santuário de Nossa Senhora da Nazaré

Está estruturado de maneira a permitir aos peregrinos deslocarem-se fisicamente até ao nicho onde está exposto o orago. O acesso dos fiéis, devidamente sinalizado, principia na igreja, segue pela sacristia e sobe por um corredor até uma tribuna adossada à frente do retábulo. Aí admira-se a pequena imagem milagrosa da Virgem, sendo a saída por uma outra passagem que principia no lado contrário, passa pela sacristia e termina na igreja.

Capela-relicário no Convento de Santa Maria de Alcobaça

Trata-se provavelmente de uma das mais interessantes composições retabulares portuguesas. Nesta pequena capela não se está perante um equipamento arquitetónico e litúrgico, mas sim no interior de uma obra arquitetónica. A capela, de planta octogonal, é totalmente revestida por uma composição retabular de madeira entalhada e dourada. Enquanto que o altar se encontra num dos eixos principais, a porta de acesso à referida capela localiza-se no lado oposto, integrada numa composição idêntica aos restantes lados do octógono.



Figura 1 - Luanda . Retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Nazaré
Foto de João Canha e Sá



Figura 2 - Goa . Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Convento de São Francisco
Foto de Mónica Reis



Figura 3 - Ilha de Moçambique . Retábulo da capela-mor da igreja do antigo Colégio da Companhia de Jesus

Foto de João Canha e Sá



Figura 4 - Funchal . Retábulos da frontaria da antiga igreja da Misericórdia
Foto de Carlos Castro

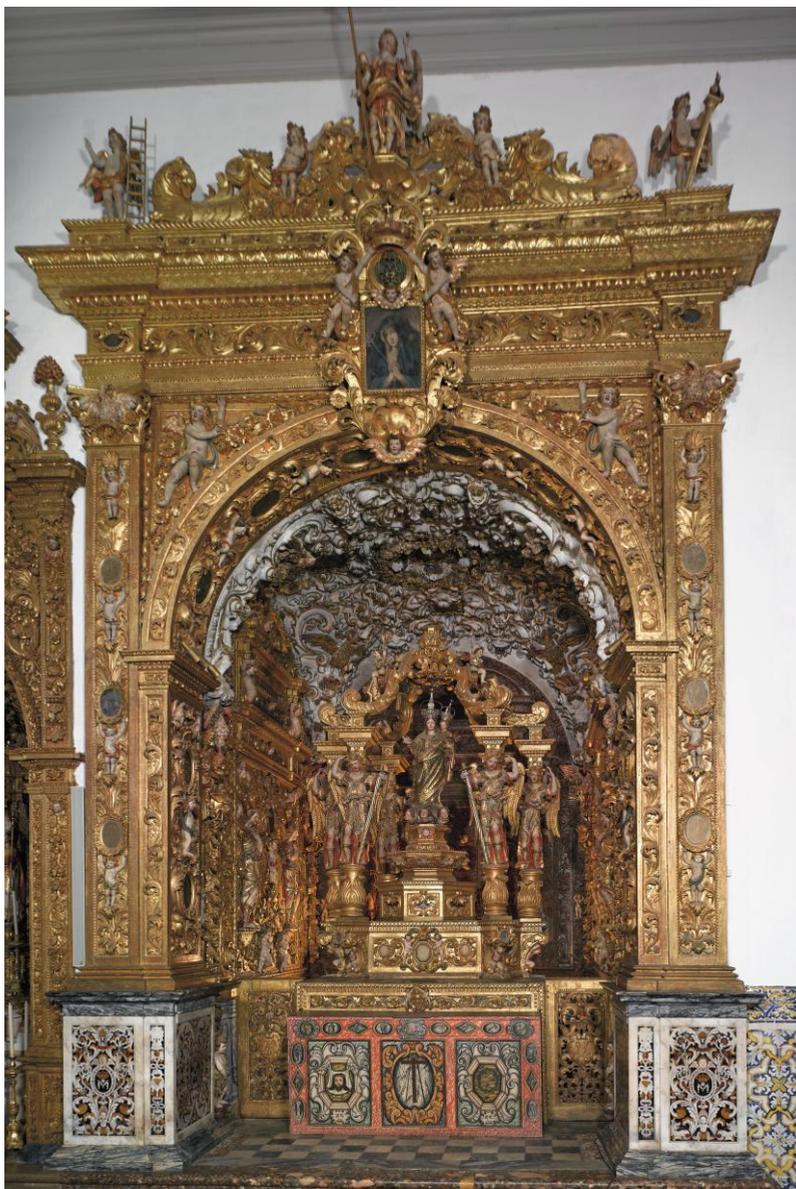


Figura 5 - Faro . Retábulo da capela de Nossa Senhora dos Prazeres na igreja da Sé
Foto de Hélio Ramos

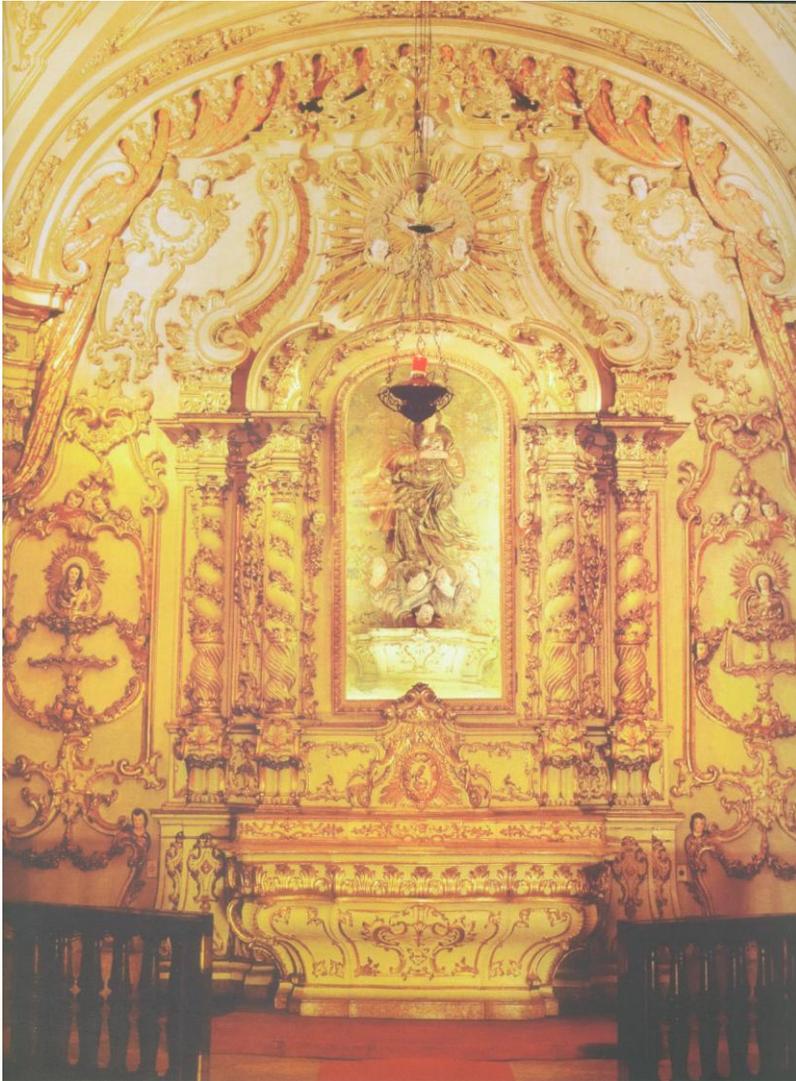


Figura 6- Rio de Janeiro . Retábulo principal da capela do Noviciado na igreja do Carmo
Foto: Losac e Naity/Ana Maria Monteiro de Carvalho

